

Editorial

Claudia Amigo Pino¹
Carolina Molinar Bellochio²
Gisela Anauate Bergonzoni³
Priscila Pesce Lopes de Oliveira⁴
Rodrigo Fontanari⁵
Tatiana Barbosa Cavalari⁶

O texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável). O texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação.

Roland Barthes. “Da obra ao texto”, em *O rumor da língua*

Neste número encontraremos o resultado das diferentes pesquisas em andamento apresentadas no Colóquio Roland Barthes Plural, ocorrido na Casa das Rosas entre 23 e 26 de junho de 2015. Como o texto de Barthes, elas não podem ser organizadas como novas interpretações da sua obra, mas como disseminações, explosões. E aqui, o seu texto explodiu em seis núcleos, de múltiplas entradas e saídas: um pensamento plural – a sua relação com outros pensadores –, um fim plural – o começo de novas aventuras –, um autor plural – o autor morto, o autor depois de morto –, uma imagem plural – cinema, fotografia e pinturas feitas por ele mesmo, uma escrita plural – a escrita como conceito e como prática e um outro plural – todas as formas de se tornar estrangeiro.

Um pensamento plural: Barthes e os outros

Johan Huizinga e Roger Caillois são os primeiros a pensar com Barthes a partir da análise do documentário canadense *Os Jogos e os Homens* (1957), cujo roteiro foi escrito pelo próprio Barthes, em **O QUE É O ESPORTE? AS CONTRIBUIÇÕES SEMINAIS DE JOHAN HUIZINGA E ROGER CAILLOIS RESSIGNIFICADAS POR ROLAND BARTHES**. Depois, é a vez de um dos autores que mais dialogou com a sua obra: Maurice Blanchot. Em **DIÁLOGOS ENTRE ROLAND BARTHES E MAURICE BLANCHOT: O GRAU ZERO DA ESCRITA EM UM LIVRO POR VIR** vemos só o começo da conversa, que mais tarde se tornou infinita. No seu primeiro livro, Barthes define a escrita como um rasgo que atravessa a língua, noção que só será desenvolvida mais tarde com o diálogo com a obra de Benveniste, como vemos em **RASGOS NA LÍNGUA OU ENUNCIÇÃO E ESCRITURA**. Esse rasgo nunca se fecha e contamina os outros nas obras tardias de Barthes, como *A câmara clara*. É o caso de Jacques Derrida, que usa os conceitos de Punctum para entender a explosão do discurso de Barthes e também o seu, como podemos ler em **DERRIDA E BARTHES: POR ENTRE SINGULARIDADES E PLURALIDADES**. Já **DESPLAZAMIENTOS Y TRANSFORMACIONES**

¹ professora associada de literatura francesa na Universidade de São Paulo. Contato: hadazul@usp.br

² doutoranda na Universidade de São Paulo. Contato: carolinamb87@gmail.com

³ doutoranda na Universidade de São Paulo / Université Rennes 2. Contato: giselaab@gmail.com

⁴ mestre pela Universidade de São Paulo. Contato: priscilaplo86@gmail.com

⁵ pós-doutorando na Universidade Estadual de Campinas. Contato: rodrigo-fontanari@hotmail.com

⁶ doutoranda na Universidade de São Paulo. Contato: tatsbarr@gmail.com

DE LA CRÍTICA EN ROLAND BARTHES mostra que nem sempre Barthes era amigável com seus contemporâneos: a sua história é uma história de deslocamentos, de esquivas: ele sempre está onde não o buscamos. Esse deslocamento seduz Guy Debord, como podemos ver em MITOLOGIAS E A NOVA CRÍTICA DA IDEOLOGIA NA FRANÇA. Ainda nessa mesma esteira, em BARTHES POLÍTICO: ESCREVER MAIO DE 68 vemos como Barthes analisa a construção simbólica de um acontecimento histórico – maio de 68 – também como uma mitologia da sociedade burguesa.

Um fim plural: o começo de muitas aventuras

Várias apresentações giraram em torno do inesperado fim da obra de Barthes: a sua afirmação de uma vida nova, uma escritura nova, presente em seus cursos no Collège de France e em seu projeto de romance, *Vita Nova*. Porém só uma delas está presente nesta revista: "UMA PAIXÃO DO NEUTRO": RELAÇÕES ENTRE NEUTRO E SUBJETIVIDADE, onde podemos observar como o neutro, para além de "tema", um "motivo" da obra de Barthes é, sobretudo, a encenação de um sujeito que deseja o neutro. Essa mudança será fundamental para entender, mais tarde, seu projeto de romance, em que o desejo de escrever tornou-se mais importante que a escrita do romance em si.

Um autor plural: além da morte

Depois de matar o autor em seu célebre texto de 1968, Barthes anuncia uma volta amigável do autor em *Sade, Fourier, Loyola*, que, mais tarde, transforma-se em personagem de sua própria obra em Roland Barthes por Roland Barthes. As contribuições deste núcleo giram em torno desse último autor barthesiano. Os dois primeiros textos relacionam Barthes a outros autores: em BARTHES E MUSIL, COMO VIVER JUNTO: AS TABELAS LITERÁRIAS DE GONÇALO M. TAVARES, reflete-se sobre um Barthes que é ao mesmo tempo personagem e intertexto de um livro experimental de Tavares, *Roland Barthes et Robert Musil*; já em DIZER AQUELES A QUEM AMO: RECONCILIANDO ROLAND BARTHES E ALBERT CAMUS, Barthes e Camus coincidem na sua encenação como personagens no final de suas vidas, nos seus dois projetos autobiográficos inacabados: *Vita Nova* e *O primeiro homem*. Nos dois últimos textos, a reflexão se atém às obras do próprio Barthes: O PRAZER DO SUICÍDIO COMO PERFORMANCE DO SUJEITO EM BARTHES centra-se na teatralidade dessa encenação, enquanto ROLAND BARTHES E A ANATOMIA PALIMPSESTICA enfatiza o papel do corpo representado em suas últimas obras.

Uma imagem plural: Barthes é olhado e olha as imagens ao seu redor

Podemos vê-lo, por exemplo, na ambígua função do alquimista: nem cientista, nem mágico, pois sua escritura vacila entre a ciência estruturalista e a crítica criadora em EM BUSCA DE UMA IMAGEM: ALQUIMIA E CRÍTICA LITERÁRIA - "OBSTÁCULO SUBSTANCIALISTA" EM SOBRE RACINE, DE ROLAND BARTHES. Por sua vez, o alquimista, que muitas vezes foi ao cinema, também pensou muito a respeito da imagem cinematográfica, como se lê no artigo COMO LER UM FILME? A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA SEGUNDO ROLAND BARTHES. Saindo do cinema e olhando incansavelmente para o mundo ao seu redor, Barthes procurou entender o sistema da moda via análise dos enunciados de revistas femininas francesas dos anos 1960. O artigo BARTHES EDITOR DE MODA alinhava alguns dos procedimentos então usados por ele na análise da moda contemporânea, responsável por transportar os enunciados diretamente para as camisetas que circulam pelas cidades. Talvez, de tanto olhar para o mundo e reparar que tudo pode significar, Barthes começou a desejar textos e imagens que escapassem do paradigma do significado. É sobre isso que o artigo SEM A FOME DA DEFINIÇÃO: O PUNCTUM E O HAICAI trata. Também por essa via se encaminha o artigo ROLAND BARTHES

E O ÁLBUM DE FAMÍLIA. Ele se interroga acerca das legendas que Barthes atribui às fotografias do livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, percebendo-as com espaço da deriva da aderência, da recusa ou da subversão aos lugares-comuns autobiográficos.



Uma escrita plural: conceito e prática

A escritura ensaística agencia o mundo e a literatura, como se lê em **EFEITOS DO REAL: REALIDADE E ESCRITURA EM ROLAND BARTHES**. Outro agenciamento da forma são os gestos de presença e o teor da experiência que o “É isto!” barthesiano flagra no artigo **SILÊNCIO COMPARTILHADO - GESTOS DE ESCRITA E GESTOS DE PRESENÇA**. Finalmente, a forma do traçado das aquarelas a que Barthes se rendeu nos anos de 1970 é contemplada no artigo **PINTURA PRESENTE. UMA BREVE INCURSÃO NOS DESENHOS DE ROLAND BARTHES**.

Um outro plural: todas as formas de se tornar estrangeiro

Mais plural ainda é o pensamento de Barthes sobre a alteridade, apresentado em Um outro plural. Se um dos seus primeiros artigos versava sobre *O Estrangeiro* de Camus, em 1970 é sobre uma outra estrangeira, Julia Kristeva, que ele escreve; a profunda relação entre os dois é tema do artigo **ROLAND BARTHES E AS REPRESENTAÇÕES DA ALTERIDADE**. Sobre a alteridade na recepção, lemos o artigo **DÉPLACER LA PAROLE, C’EST FAIRE UNE RÉVOLUTION: BARTHES, POR UNA CRÍTICA DE LA PERIFERIA**: aqui os deslocamentos se sucedem e as relações entre os países hispano fônicos dos dois lados do Atlântico retomam Barthes a partir de uma postura periférica e uma leitura crítica alternativa ao cânone. Por fim, da Europa e das Américas em direção à África: na Costa do Marfim se encontram os ecos da leitura da obra *Mitologias* com a perturbadora ascendência de Barthes – seu avô foi um dos colonizadores do país: **RUMORES DE MITOLOGIAS – BARTHES E A COLONIZAÇÃO** trata dessa reverberação.

